

A narrativa testemunhal como resistência política na jornada de Rudolf Brazda, homossexual deportado para o campo nazista de Buchenwald

The Testimonial Narrative as a Political Resistance in the Journey of Rudolf Brazda, Homosexual Deported to the Buchenwald Camp

Fábio Ávila Arcanjo

Universidade Estadual de Campinas

(UNICAMP) | Campinas | SP | BR

fabioarcanjo1981@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8525-9737>

Resumo: Este artigo pretende lançar luzes para um acontecimento ainda pouco explorado tanto na historiografia quanto no campo dos estudos em Análise do Discurso: a rememoração de teor testemunhal dos homossexuais que enfrentaram o nazismo. A nomeação “acontecimento” não é fortuita, já que esse conceito é tomado na esteira daquilo que foi teorizado por Pêcheux (2015), que pensava o acontecimento como uma inscrição, isto é, como algo que emerge a partir de uma formulação irremediavelmente equívoca, porém em uma conjuntura que privilegia efeitos de evidência e de estabilidade. O que está em jogo, neste trabalho, é colocar em discussão a construção de uma memória oficial a respeito das consequências do traumático regime nazista, partindo da hipótese de existência de uma formulação da memória que primou em apagar determinadas vivências, criando uma espécie de hierarquização entre as vítimas do nazismo. Esse apagamento deveu-se ao fato de que as relações sexuais entre homens permaneceram interditadas após o fim da libertação dos campos de concentração. Partindo da análise de alguns fragmentos da obra *Itinéraire d'un Triangle Rose*, escrito por Jean-Luc Schwab e Rudolf Brazda, o artigo parte do princípio de que há um gesto de resistência instaurado em duas frentes: uma em um confronto com formações discursivas (Pêcheux, 2014a) que ditam aquilo que pode



ser falado/escrito/lido; e outra, na qual há uma incontornável resistência ao trauma (Mariani, 2021), em um processo de deslizamento que se dá entre a melancolia (Baldini; Sousa, 2014; Freud, 2011) e o trabalho de luto (Freud, 2011).

Palavras-chave: testemunho; homossexualidade; nazismo; melancolia; resistência.

Abstract: This paper aims to shed light on an event that has not yet been fully explored in historiography and discourse analysis: the remembrance of testimonial content of homosexuals who faced the Nazism. The name “event” is not accidental since this concept is taken in the wake of what was theorized by Pêcheux (2015), who thought the event as an inscription, that is, as something that emerges from a irremediably misleading formulation, in a conjuncture that formulates evidence and stability effects. What is at stake in this work is to discuss the construction of an official memory about the consequences of the traumatic Nazi regime, starting from the hypothesis of the existence of a formulation of memory that aimed to erase certain experiences, creating a kind of hierarchy among the victims of Nazism. This deletion was due to the fact that sexual relations between men remained prohibited after the end of the liberation of the concentration camps. Starting from the analysis of some fragments of the book *Pink Triangle*, written by Jean-Luc Schwab and Rudolf Brazda, the article assumes that there is a gesture of resistance established on two fronts: One involves a confrontation with discursive formations (Pêcheux, 2014a) that dictate what can be spoken/written/read; and the other, in which there is an unavoidable resistance to trauma. (Mariani, 2021), in a sliding process that takes place between melancholy (Baldini; Sousa, 2014; Freud, 2011) and griefwork (Freud, 2011).

Keywords: testimony; homosexuality; nazism; melancholy; resistance.

1 Considerações iniciais

O nosso gesto inicial de escrita consiste em problematizar, de forma sucinta, em função dos limites de espaço concernentes a um artigo, o conceito de resistência. Para tanto, nossos referenciais teóricos apontam para dois campos interligados: a análise materialista de discurso e a psicanálise, com o conceito de resistência emergindo nesses campos em chaves distintas.

Freud, em seu clássico texto *Cinco lições de psicanálise*, publicado no ano de 1910, faz instigantes observações, operando uma breve retrospectiva de seu percurso na clínica (marcado pelo abandono do método catártico,¹ que lançava mão da estratégia do hipnotismo) a respeito de uma insistência instaurada no tratamento das angústias, ânsias e fantasias do paciente. Em uma basilar asserção, o psicanalista austríaco observa, em seus pacientes, que

as recordações esquecidas não se haviam perdido. Jaziam em poder do doente e prontas a reaparecer em associação com os fatos ainda sabidos, mas alguma força os detinha, obrigando-as a permanecer inconscientes. A existência dessa força pode ser seguramente admitida, pois sentia-se lhe a potência quando em oposição a ela, se intentava trazer à consciência do doente as lembranças inconscientes. A força que mantinha o estado mórbido fazia-se sentir como *resistência* do enfermo. (Freud, 1997, p. 24-25, grifo do autor).

Observamos, de antemão, o fato de que a *resistência*, nessa concepção, funciona como um entrave em meio a condições de formulação de sua clínica, nas quais ele se depara com a inscrição da histeria. Não à toa, ele pontua que “para o restabelecimento do doente mostrou-se indispensável suprimir essas resistências.” (Freud, 1997, p. 25). Esse processo de travamento recebe o nome de *repressão*, julgado e demonstrado por Freud (e isso é expresso claramente em suas cinco lições) pela inexorável emergência de algo que resiste com grande força.

Operemos, nesse instante, um salto de mais de meio século que nos levará ao pensamento do filósofo e idealizador da análise materialista de discurso, Michel Pêcheux. Curiosamente, estabelecendo um paralelo com o abandono do método catártico por Freud, o conceito de resistência, aqui, emerge fortemente por intermédio de um gesto de retificação, formulado no texto “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”. A diferença é que para o primeiro, a resistência é o que permanece do que havia sido abandonado e para o segundo, por outro lado, a resistência é o que se inscreve por intermédio desse gesto retificador.

Expliquemos melhor: há uma distância temporal de cerca de três anos entre *Les Vérités de la Palice* (*Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*, na tradução brasileira), publi-

¹ Tipo de tratamento oriundo da influência que o médico austríaco Josef Breuer exerce nos primeiros passos da clínica de Freud. Juntos, os autores publicaram o clássico texto *Estudos sobre a histeria*, no ano de 1895. O método, fortemente assentado no conceito aristotélico de catarse, lembrando que a dimensão estética sempre exerceu forte influência na trajetória de Freud, consistia em aplicar um forte domínio do médico diante do paciente, com o objetivo de “estabelecer os liames existentes entre as cenas patogênicas esquecidas e seus resíduos – os sintomas.” (Freud, 1997, p. 24). O autor pontua, nesse gesto de retificação, a respeito de uma inadequação e ineficácia desse modelo de tratamento, sendo substituído, *a posteriori*, pela escuta psicanalítica e pelas cadeias de associações que são travadas na fala do paciente em direção ao médico. Contudo, desse modelo catártico, Freud preserva, como pode ser observado em suas *Cinco lições de psicanálise*, o elemento da resistência como um entrave.

cado em maio de 1975 e “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”, apresentado no Seminário HPP² (Henry, Pêcheux, Plon), em março de 1978, cuja publicação se deu quatro anos mais tarde, em língua inglesa (“The French Political Winter: Beginning of a Rectification”). Assim, deparamo-nos, nessa edição brasileira, com um encaixe que busca concatenar dois horizontes diferentes. Em 1975, observamos um Pêcheux fortemente influenciado pelas ideias de Louis Althusser, cujo mote central se baseia na constatação acerca do condicionamento amplo do indivíduo perante as formações ideológicas, com a ideologia interpelando os indivíduos em sujeitos (plenamente identificados com as formações discursivas³ que definem os dizeres passíveis de circulação).

Em 1978, por outro lado, daí a presença do enunciado *o inverno político francês*, temos um Pêcheux em meio a uma conjuntura efervescente de discussões políticas no campo progressista, em função da ruptura do programa comum das esquerdas. Nessa ótica, temos um autor que revê, em um gesto radical, alguns postulados da obra de 1975, apontando algo basilar nessa sua nova fase de pesquisas: “levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha em *Les Vérités de la Palice*.” (Pêcheux, 2014a, p. 276). Ora, a ausência de falha implica ausência de resistência, gerando um ciclo infinito de comodismo e de reprodução. É, justamente, essa consequência que é combatida por Pêcheux que conclui seu texto com uma reflexão incontornável: “Não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’”. (Pêcheux, 2014a, p. 281).

Após esse breve introito, faz-se necessário concatenar essas reflexões com o *corpus* a ser estudado nesse artigo. De antemão, podemos afirmar que ambas as concepções de resistência podem se fazer presentes diante da jornada de Rudolf Brazda, discursivizada na obra *Itinéraire d'un Triangle Rose*,⁴ e isso ocorre devido a uma fricção que se faz presente em duas chaves: a primeira diz respeito ao sujeito em sua relação consigo, ao passo que a segunda está relacionada à relação subjetividade-alteridade. Com isso, acreditamos ser possível delinear a estruturação de nosso texto, que será dividido em três partes, com a primeira, relativamente mais breve, tendo um caráter biográfico, em que buscaremos traçar o perfil de um sujeito homossexual que, de súbito, vê-se às voltas com um regime repressor de viés notadamente homofóbico.

Na segunda parte, por outro lado, lidaremos com o atravessamento dos traumas das experiências vivenciadas nos anos de vigência do regime nazista, no qual temos os possíveis deslizamentos da condição de sujeito melancólico para alguém que consegue, em meio às resistências, conferir algum sentido para as violências experienciadas. Na terceira parte, por

² Seminário dirigido por Michel Pêcheux, em parceria com Michel Plon e Paul Henry. Foram três anos ininterruptos de pesquisas sobre a teoria das ideologias, que aconteceram na Maison de Sciences de l'Homme, em Paris (Maldidier, 2017).

³ Pêcheux (2014a) resgata esse conceito formulado por Michel Foucault em sua *Arqueologia do saber*, fornecendo a ele uma roupagem marxista/althusseriana, algo que se mostra alheio aos pressupostos teóricos foucaultianos. Empregando uma definição muito utilizada por Orlandi (2017), podemos pensar os dizeres que circulam em determinadas formações discursivas como materializações linguageiras das formações ideológicas (conjunto de crenças, imaginários e valores, que circulam na sociedade em um viés de direcionamento adotado pelas classes hegemônicas). As formações discursivas são instâncias relativamente estáveis que definem o que pode e deve ser enunciado em uma conjuntura dada.

⁴ Existe uma tradução dessa obra para a língua portuguesa, publicada pela editora Mescla em 2011, sob o título *Triângulo Rosa: um homossexual no campo de concentração nazista*. No entanto, optamos por fundamentar nossas análises na versão original da obra.

fim, faremos uma discussão a respeito da resistência como inscrição de gestos de afronta diante de um estado de coisas refratário a dizeres que contrariam a norma hegemônica estipulada. Nesse âmbito, lidaremos com o confronto pela memória, com a resistência sendo pensada nos moldes de Michel Pêcheux, isto é, como um movimento a contrapelo, contrário à dominação. Vemos concatenados, nessa ótica, a impossibilidade do dizer com a necessidade (o dever) de rememorar os traumas. Procuraremos, nesses três gestos, confrontar os aportes teóricos com passagens marcantes do testemunho de Rudolf Brazda, coletado e publicizado por Jean-Luc Schwab.

2 Uma rápida passagem pela vida de Rudolf Brazda

Nesse tópico, buscaremos desenvolver, em algumas linhas, a trajetória de Rudolf Brazda analisada sob duas temporalidades: antes da ascensão nazista e após a chegada de Hitler ao poder, momento em que se dá o recrudescimento na interdição das relações sexuais entre homens, com a advento da aplicação mais abrangente e repressiva de uma antiga lei, inclusa no código penal prussiano de 1871, conhecida como *parágrafo 175*. As condições (escassas) de produção do discurso de teor⁵ testemunhal formulado por Brazda serão mais bem delineadas no decorrer do artigo. Todas as informações, vale salientar, são retiradas da obra *Itinéraire d'un Triangle Rose*.

Rudolf Brazda, caçula de oito filhos, nasce no ano de 1913, em uma região marcada pela instabilidade geopolítica, a saber, a Saxônia, território alemão fronteiro à Boêmia, pertencente ao então Império Austro-Húngaro, local de nascimento de seus pais. Essa instabilidade se deve à temporalidade contígua ao esfacelamento da civilidade que atende pelo nome de Primeira Guerra Mundial, um dos acontecimentos que ilustram as consequências dos ideais capitalistas encerrados no imperialismo e no colonialismo. Logo no ano de 1914, Brazda é afastado do convívio de seu pai, já que Emil Adam Brazda é convocado para ir ao front de guerra, retornando para casa apenas no ano de 1919.

Convém observar que em outubro de 1918, com o fim da Primeira Guerra Mundial, o Império Austro-Húngaro é colapsado, dando origem à chamada Tchecoslováquia. Rudolf se vê, e isso é uma das características de pessoas que vivem em regiões fronteiriças, em meio a dois idiomas: o tcheco e o alemão. Os pais fazem questão de falar apenas alemão com seus filhos, pois é essencial que eles se integrem em seu país de nascimento. O tcheco é reservado para conversas entre adultos. Rudolf ainda não sabe que esse detalhe terá um impacto decisivo em sua trajetória (Brazda; Schwab, 2013, p. 23, tradução própria).⁶

Em 21 de janeiro de 1920, a vida de Emil Adam Brazda chega ao fim, fato esse que traz como consequência a necessidade de sua família viver de forma bastante modesta, muito embora, e isso é salientado pelo livro, eles não tenham passado fome. A trajetória de Rudolf na escola, talvez em função de uma falta de estrutura familiar, mostra-se amplamente inadequada, culminando em uma interrupção abrupta de seus estudos.

⁵ Amparador nos estudos realizados por Seligmann-Silva (2022), partimos do princípio de que o testemunho não seria um gênero específico, mas, ao contrário, uma inscrição, isto é, uma emergência que se adentra em determinados textos, produzindo determinados efeitos de sentido. Para esse trabalho, não optamos por aprofundar muito nessa discussão, algo que será realizado em textos futuros.

⁶ No original: “Les parents mettent un point d’honneur à ne parler que l’allemand avec leurs enfants car il est essentiel qu’ils s’intègrent dans leur pays de naissance. Le Tchèque est réservé aux conversations entre adultes. Rudolf ne se doute pas encore que ce détail aura un impact décisif sur son parcours.”.

Aos 14 anos, depois de repetir um ano, ele deixa a escola. Uma de suas irmãs o iniciou com sucesso na costura e, muitas vezes, ele teve a oportunidade de ajudá-la em um talento que se tornará muito útil anos mais tarde. Mas, por agora, ele gostaria de ser vendedor decorador em uma loja de roupas masculinas... (Brazda; Schwab, 2013, p. 24, tradução própria).⁷

Esses dois excertos compõem um tópico intitulado *infância e adolescência*. O tópico seguinte recebe a designação *anos de liberdade e de despreocupação*, momento em que Brazda tem, mais fortemente marcado, o despertar de sua sexualidade e a concretização de experiências com outros rapazes.

Façamos um pequeno parêntesis, cujo objetivo é observar como se dá, de forma majoritária, a estrutura de um texto de teor testemunhal que remete às vivências traumáticas relacionadas à ascensão nazista. Comumente, esses textos partem de três temporalidades: a primeira, assentada nos anos de tranquilidade, ressaltando a vivência familiar e a descoberta da sexualidade (no caso dos raros testemunhos escritos/relatados por homossexuais); a segunda, volta-se para as experiências em guetos e campos de concentração, cuja força descritiva traz os fatos à tona como se estivessem diante dos olhos do leitor. Por fim, emerge a luta pela reconstrução frente a uma experiência-limite, com esse tipo de escrita podendo variar de intensidade e de formulação, a depender dos efeitos de sentido almejados.

A título de comparação, o testemunho de Pierre Seel,⁸ *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel*, tem seu primeiro tópico intitulado *Uma família burguesa como as outras*, em que vemos a rotina de um jovem Pierre Seel, em meio ao convívio familiar e com as suas relações sexuais sendo desenvolvidas de forma, digamos, desembaraçada, na cidade de Mulhouse, na região da Alsácia. Um outro ponto de contato entre os dois textos é o fato de ambos os autores serem oriundos de regiões instáveis politicamente, lembrando que a região francesa da Alsácia faz fronteira com a Alemanha. Ademais, ambos os testemunhos são formulados em uma temporalidade extremamente tardia em relação àquilo que foi vivenciado, algo que será mais bem explorado no decorrer desse artigo.

Fechando o parêntesis e retomando nosso olhar para a trajetória de Rudolf Brazda, é importante salientar que, nesses anos de *liberdade e despreocupação*, nosso personagem começa a construir seu círculo de relacionamentos e de amizades culminando em uma relação mais séria com um jovem chamado Werner. Como consequência desse encontro, eles começam a morar juntos até 1937, em um imóvel na Weinbergstrasse, na cidade de Meuschwitz, localizada no estado da Turíngia. Esse imóvel era sublocado por uma senhora que possuía uma mentalidade mais progressista, o que possibilitou que ele fosse transformado em um palco de diversos encontros com amigos e amigas de Rudolf que, em sua maioria, compartilhavam de sua sexualidade “desviante”. Contudo, esses dias de júbilo, em constante ameaça a partir de 1935, estavam chegando ao fim, pois a repressão contra as relações homossexuais se torna mais rígida, gerando uma onda de perseguições, chantagens e denúncias.

⁷ No original: “À 14 ans, après avoir redoublé une année, il quitte l'école. Une de ses soeurs l'a initié avec succès à la couture et il a souvent l'occasion de l'aider dans un talent qui va se révéler fort utile des années plus tard. Mais pour l'heure, il aimerait bien devenir vendeur décorateur dans un commerce de confection pour hommes...”

⁸ Primeiro e único homossexual francês a rememorar as suas vivências em um campo de concentração – Schirmeck-Vorbrück. Sua obra foi publicada no ano de 1994, recebendo várias traduções, com a versão em língua portuguesa sendo lançada no ano de 2018.

Os efeitos do endurecimento do parágrafo 175 não se fazem esperar: multiplicam-se as investigações e processos contra homossexuais e contra aqueles que eram colocados em suspeita. No início do ano de 1937, dois amigos de Rudolf e Werner são perseguidos, os deixando inquietos. E este é apenas o começo do “efeito dominó”. Dentro do seu círculo de amigos, os casos em investigação levam à queda sucessiva de quase todos os outros homossexuais. Os policiais pressionam aqueles que já foram presos para obter nomes e identificar novos suspeitos. Rapidamente, investigações distintas apontam para Werner e Rudolf. (Brazda; Schwab, 2013, p. 45, tradução própria).⁹

O momento em que Rudolf Brazda seria intimado a dar depoimento não estava distante. Em abril de 1937, seu quarto, agora localizado na cidade de Leipzig, é invadido por policiais que o levaram para prestar esclarecimentos. Esse foi o primeiro, de várias experiências de repressão vivenciadas por ele. A tônica desse desagradável encontro partiu de duas lógicas: de um lado, a criação de uma linha de investigação que pudesse cercar todos os contatos de Rudolf a fim de descobrir potenciais “criminosos” (da parte da polícia); e a negação dessa inclinação à homossexualidade (da parte de Rudolf) – “eu sou sexualmente atraído apenas por mulheres e não sinto atração por homens. E mesmo que eu tenha compartilhado um apartamento com um homem suspeito de homossexualidade, eu nunca tive relações com ele ou com seu entorno.” (Brazda; Schwab, 2013, p. 48, tradução própria).¹⁰ É bastante evidente, tomando como base a “aparência” de Rudolf (algo enunciado na obra), que a polícia não acredita em suas palavras, o que a leva a aperfeiçoar os mecanismos repressivos para a obtenção de uma confissão.

Duas semanas depois, em Leipzig, Rudolf é confrontado com os elementos da investigação. Diante destas provas esmagadoras, moral e fisicamente esgotado, ele perde o controle e explode em lágrimas. Confessa: “sim, pratiquei a masturbação mútua com Bilz [Werner], e isso desde 1934-1935 [...]. Notei imediatamente que, como eu, ele gostava de homens e foi por isso que fui morar com ele. [...] Em janeiro de 1936, ocupamos um único quarto com duas camas. [...] Eu realmente o amava e permaneci fiel a ele, não buscando contato sexual com outros homens. [...] Dentro de nosso círculo, nós estávamos constantemente abraçados e eu, por vezes, o apresentava aos outros como minha mulher. (Brazda; Schwab, 2013, p. 53-54, tradução própria).¹¹

As consequências desse depoimento revelam-se trágicas, gerando uma condenação a seis meses de prisão. Após ser liberto, Rudolf vai para o exílio, na Tchecoslováquia. Nesse

⁹ No original: “Les effets du durcissement du paragraphe 175 ne se font guère attendre : les enquêtes et poursuites se multiplient à l'encontre des homosexuels ou présumés tels. Au début de l'année 1937, ce sont déjà deux amis de Rudolf e Werner qui sont inquiétés. Et ce n'est que le début de l'effet domino”. Au sein de leur cercle d'amis, les affaires en cours d'instruction entraînent la chute successive de quasiment tous les autres homosexuels. Les policiers mettent la pression sur ceux qui ont déjà été arrêtés pour leur extorquer des noms et désigner de nouveaux suspects. Très vite, des investigations distinctes pointent en direction de Werner et Rudolf.”

¹⁰ No original: “Je ne suis attiré sexuellement que par les femmes et n'éprouve aucune attirance pour les hommes. Et même si j'ai partagé un appartement avec un homme suspecté d'homosexualité, je n'ai jamais eu de rapport avec lui ou son entourage”.

¹¹ No original: “Deux semaine plus tard, à Leipzig, Rudolf est confronté aux éléments de l'enquête. Devant ces preuves accablantes, épuisé moralement et physiquement, il craque et éclate en sanglots. Il avoue : “oui, j'ai pratiqué la masturbation mutuelle avec Bilz [Werner], et ce dès 1934-1935 [...]. J'ai tout de suite remarqué que, comme moi, il aimait les hommes et c'est pour cela que je suis allé habiter avec lui. [...] En janvier 1936, nous avons occupé une seule chambre à deux lits. [...] Je l'aimais vraiment et lui suis resté fidèle, ne cherchant pas le

país, mais precisamente na cidade de Karlsbad, ele tem um curto período de tranquilidade, conseguindo até mesmo construir uma relação com um outro jovem chamado Toni (não há qualquer indício a respeito de um reencontro de Rudolf com Werner após a Segunda Guerra Mundial). Contudo, um evento histórico muda essa aparente tranquilidade: a anexação dos Sudetos pelos nazistas entre os dias 01 e 10 de outubro de 1938.

Novamente, Rudolf Brazda se vê em solo alemão, o que, conseqüentemente, o coloca na mira de uma implacável legislação que criminalizava a relação entre homens sendo implantada no país que o acolheu. A história se repete: incansáveis investigações, denúncias contra ele e contra seu círculo de relacionamentos, duas experiências carcerárias (uma na cidade de Karlsbad e outra na cidade de Eger), culminando na deportação para o temível campo de Buchenwald, em 8 de agosto de 1942.

3 A vivência traumática no campo de concentração

Para esse tópico, não iremos privilegiar o caráter biográfico de Rudolf Brazda, mas, sim, buscar compreender, elencando algumas passagens de *Itinéraire d'un Triangle Rose*, as inscrições do trauma em um espaço com alto potencial para produzir aquilo que Freud (2011) entende como a *perda do ego*. Em outras palavras, parafraseando a máxima althusseriana/pecheutiana, a ideia é compreender como a experiência concentracionária pode interpelar os indivíduos em sujeitos melancólicos e quais as possíveis rotas de fuga para essa condição.

Iniciamos a discussão problematizando uma designação polêmica que circulava no interior de alguns campos de concentração: estamos falando do *muçulmano*. O termo aparece pela primeira vez no clássico *É isto um homem*, de Primo Levi, precisamente no momento em que ele disserta sobre a diferença entre os prisioneiros submersos (identificados posteriormente como *afogados*) e os salvos (os *sobreviventes*). Levi pontua que a consequência mais comum da vivência de um estado de exceção (o campo de concentração como o mais eficiente exemplar) é sucumbir. É nesse contexto que ele apresenta a figura do *muçulmano*, como sendo alguém que obedece piamente às ordens dentro do campo (obediência plena significando morte rápida, segundo o autor italiano) e que, conseqüentemente, desiste de lutar, estando fadado ao extermínio em um curto espaço de tempo.

A sua vida é curta, mas seu número é imenso; são eles, os “muçulmanos”, os submersos, são eles a força do Campo: a “multidão anônima”, continuamente renovada e sempre igual, dos não-homens que marcham e se esforçam em silêncio; já se apagou neles a centelha divina, já estão tão vazios, que nem podem realmente sofrer. Hesita-se em chama-los vivos; hesita-se em chamar “morte” à sua morte, que eles já nem temem, porque estão esgotados demais para poder compreendê-la. (Levi, 1988, p. 91).

Notemos, nessa vivência nos campos de concentração, a viabilidade de se refletir sobre a questão da resistência em duas frentes: em primeiro lugar, ela se dá no momento em que se faz necessário lutar contra essa condição de sujeito-que-desiste. Há relatos den-

contact sexuel d'autres hommes. [...] Devant notre entourage, nous nous sommes souvent embrassés, et je l'ai parfois désigné aux autres comme ma Femme”.

tro da literatura de teor testemunhal que partem desse esforço sobrehumano para manter a sanidade em uma situação deveras desumana. O grande exemplo a se pensar é o trabalho do psicólogo austríaco Viktor Frankl que, em sua obra *Em busca de sentido*, procura entender os comportamentos adquiridos dentro do Campo (ele foi deportado para Auschwitz) para, em seguida, ajudar a si mesmo e a seus companheiros a encontrarem o sentido da vida, em um local desprovido de esperança.

A outra entrada para a resistência está assentada em uma visada freudiana (apresentada no início desse texto), na qual o sujeito resiste a elaborar aquilo que se manifesta como um sintoma, este último sendo, portanto, um efeito que tampona esse não-sentido destituído da condição de narrativa. Relativamente a isso, Seligmann-Silva (2022) observa que uma das funções da narrativa, no contexto das experiências-limite, caracterizadas pela excessiva violência, é a de funcionar como uma “picareta” que consegue derrubar um muro imaginário que cerca a não-vida da vida (pautada pela construção de algum sentido por intermédio da fala/escrita). O palco desse cenário desprovido de vida, tomando como base a trajetória de Rudolf, é o campo de concentração, cuja chegada é enunciada como o início de um lento procedimento de aniquilação subjetiva.

Mal ele retomou a sua consciência [após passar pelo cruel processo de desinfecção], Rudolf é novamente empurrado para a fila com os outros. Ele tem que seguir em frente. Na sala seguinte, ele recebe o seu rudimentar uniforme de prisioneiro: roupas íntimas, juntamente com calças, jaqueta e boné, cortados em uma tela branca bastante fina, listrada de azul claro. E não há sapatos, apenas galochas de madeira. Depois de se vestir assim, ele assina os documentos de admissão: uma ficha geral de informação que o classifica como homossexual, com a menção das suas duas condenações anteriores e dos seus motivos (§175). (Brazda; Schwab, 2013, p. 126, tradução própria).¹²

Importante pontuar, e isso pode ser observado em diversos relatos de experiências em campos de concentração, que a designação recebida faz toda a diferença no tratamento a ser oferecido ao prisioneiro. E o detalhe é que esse tratamento não é responsabilidade apenas do perpetrador, já que entre os prisioneiros havia uma hierarquização que fazia toda a diferença nas condições de vida oferecidas às vítimas. Um exemplo disso é a figura do *Kapo*, que simboliza fortemente a ideia de *zona cinzenta*¹³ enunciada por Primo Levi, já que ele aglutinava as posições de vítima e perpetrador. Acerca disso, a designação dada a Rudolf não o ajudava, muito pelo contrário, conforme podemos observar no fragmento seguinte:

¹² No original: “À peine a-t-il repris ses esprits que Rudolf est à nouveau poussé dans la file avec les autres. Il doit avancer. Dans la pièce suivante, on lui remet sa tenue de prisonnier. Elle est rudimentaire : des sous-vêtement ainsi qu’un pantalon, une veste et une casquette, découpés dans un assez fine toile blanche, rayée de bleu clair. Et pas de chaussures, simplement des galoches en bois. Après s’être ainsi vêtu, il signe les documents d’admission : une fiche générale de renseignement qui le classe comme homosexuel, avec la mention de ses deux précédentes condamnations et leur motifs (§175).”.

¹³ Segundo Primo Levi, a zona cinzenta de proteção e de colaboração nasce de raízes diversas. Dois são os pontos destacados pelo autor: em primeiro lugar, a necessidade, da parte dos nazistas, de mão de obra externa, haja vista a complexidade do projeto de dominação mundial almejado pelo partido nazista. Em segundo lugar, é importante notar uma espécie de instinto de sobrevivência, já que “quanto mais feroz a opressão, tanto mais se difunde entre os oprimidos a disponibilidade de colaboração com o poder.” (Levi, 2004, p. 37).

Mas para os homossexuais deportados, não há qualquer hipótese de reivindicar um lugar nessa hierarquia. Na maior parte do tempo rejeitados e excluídos por seus companheiros de prisão, eles nunca conseguiram se unir. Mesmo que não se deva generalizar, o seu pequeno número, somado à diversidade de origens sociais com convicções políticas ou religiosas diferentes, impede qualquer solidariedade de grupo. Eles não têm qualquer peso contra os comunistas, sociais-democratas, Testemunhas de Jeová ou grupos nacionalistas unidos. Pior ainda, para as SS, os triângulos rosa ocupam um lugar no mais baixo da hierarquia dos prisioneiros, tal como os judeus, os ciganos e os loucos (Brazda; Schwab, 2013, p. 146).¹⁴

Um rápido parêntesis precisa ser aberto para lidar com algo ainda não problematizado nesse artigo, no que tange à forma de identificação adotada nos inúmeros campos de concentração espalhados pela Alemanha e pelos países coniventes ou que foram dominados pelo regime nazista. Além das célebres e nefastas tatuagens, adotadas em certos campos, os prisioneiros eram identificados com um triângulo que era costurado junto a seus uniformes. Assim funcionava a classificação: triângulo vermelho (prisioneiros políticos, em especial os comunistas); triângulo verde (criminosos comuns, que muitas vezes exerciam a função de *Kapo*); triângulo amarelo (judeus); triângulo roxo (testemunhas de Jeová); e triângulo rosa (homossexuais). É algo notável que, conforme a identificação, a vida do prisioneiro dos campos poderia ficar ainda mais difícil e esse parece ser o caso daqueles que eram identificados como homossexuais, conforme expresso anteriormente.

O processo de aniquilação humana instaurado nesses locais de violência traz consigo um enorme potencial de produzir sujeitos melancólicos (na concepção freudiana), o que nos leva à incômoda caracterização dos *muçulmanos* formulada por Primo Levi – “um homem macilento, cabisbaixo, de ombros curvados, em cujo rosto, em cujo olhar, não se possa ler o menor pensamento.” (Levi, 2004, p. 91). A questão que se coloca: é possível cogitar a possibilidade de inscrição desse sujeito (fruto da experiência dos campos) para fora desse local de violência? Em outras palavras, o *muçulmano* pode se fazer presente em uma temporalidade posterior ao evento vivenciado?

Trata-se de uma questão que ultrapassa nossa capacidade de reflexão no espaço desse artigo, contudo, admitimos a potencialidade de que traços melancólicos possam se fazer notar, principalmente quando o sujeito não consegue ou não tem condições para atravessar a ponte que liga a não-vida (o ensimesmamento e a perda de si em um ciclo infinito de repetições) à vida (o *trabalho de luto* sendo traçado na busca pela perlaboração do passado). Eis o momento para trazermos as pulsantes reflexões de Freud acerca dos conceitos de luto e melancolia, título de um ensaio do psicanalista austríaco que compõe os chamados escritos metapsicológicos.¹⁵

¹⁴ No original: “Mais pour le déportés homosexuels, pas question de prétendre à une place dans cette hiérarchie. La plupart du temps rejetés et exclus par leurs codétenus, ils n'ont jamais réussi à faire corps. Même, s'il ne faut pas généraliser, leur faible nombre, ajouté à la diversité des origines sociales aux convictions politiques ou religieuses différentes, empêche toute solidarité de groupe. Ils n'ont aucun poids face aux communistes, socio-démocrates, Témoins de Jéhovah ou encore face aux groupes nationaux qui, eux, se serrent les coudes. Pire, pour les SS, les Triangles roses occupent une place au plus bas de la hiérarchie des prisonniers, au même titre que les juifs, les Roms et les Sinté.”

¹⁵ Formulados entre os anos de 1895 e 1914, esses escritos são compostos pelos seguintes ensaios: *Pulsões e destinos da pulsão*; *O inconsciente*; *O recalque*; *Luto e melancolia*; e *Complemento metapsicológicos à doutrina dos sonhos*.

Antes, contudo, apresentemos um fragmento marcante, que, a nosso ver, possui um elevado potencial traumático, momento em que Rudolf, depois de exercer um longo período na temida pedreira,¹⁶ é alçado à condição de telhadeiro, conseguindo visualizar diversas barbáries ao longo de sua “estadia” no campo. O alvo dessa barbárie são os prisioneiros soviéticos, uma categoria que igualmente estava alocada na parte mais baixa da hierarquia, muito embora eles fossem em grande número, o que auxiliava em pontuais rebeliões.

Durante uma encenação de exame médico de admissão, com o propósito de não criar pânico, os soldados se despem e avançam um a um para o outro lado do prédio. No final do percurso, que começa com uma inspeção da dentição, o último dos médicos SS faz passar o preso em um quarto equipado com uma tábua contra uma de suas paredes. A parte móvel da lâmina desliza sobre uma abertura fina, fechada por um pequeno batente do outro lado da divisória, onde estão emboscados dois SS armados com pistolas. Uma vez que o detido esteja apoiado nessa parte graduada, sem outro sinal senão um golpe dado contra a parede pelo que procede à medida, a tampa traseira abre-se rapidamente. E um dos atiradores escondido atrás alveja o prisioneiro com uma bala na nuca. O corpo é então removido e jogado sobre os outros na sala seguinte. Tempo para limpar os vestígios de sangue e outro soldado soviético ser enviado para a sala. A imagem que fica impressa de forma duradoura na memória de Rudolf é a de todo o sangue que jorra dos cadáveres. (Brazda; Schwab, 2013, p. 151-152, tradução própria).¹⁷

Uma questão pertinente a ser notada, a despeito da presença de certa hierarquização nos campos, é a arbitrariedade no que diz respeito ao emprego da violência gratuita. É como se em cada prisioneiro estivesse impresso um aviso indicando que ele seria o próximo alvo dessas barbáries. Há, portanto, um senso de identificação e de projeção. Notemos, na obra analisada, que as atrocidades que parecem ter ficado impressas na mente de Brazda são aquelas que aconteceram com seus companheiros. É simbólico, por exemplo, ele afirmar não se lembrar de nada do período em que ficou na pedreira. Algo, nesse episódio, parece ter sido recalcado por ele. Pois bem, observemos as palavras finais do fragmento destacado a respeito de uma *imagem impressa de forma duradoura*. Aqui, temos um indício de um passado que não passa, isto é, da inscrição de uma vivência traumática que teima em habitar no presente. Vale destacar outra

¹⁶ Considerado como o estágio inicial das atividades nos campos de concentração, a função da pedreira consistia em aniquilar os prisioneiros, causando-lhes uma enorme estafa, mediante a realização de um trabalho enfadonho e amplamente desgastante. Tal trabalho consistia, simplesmente, em carregar pedras extremamente pesadas de um lado para o outro, às vezes usando um carrinho, às vezes usando as próprias mãos. Os homossexuais eram alvos preferenciais para a realização dessa tarefa, algo muito bem documentado na obra de teor testemunhal escrita por Joseph Kohout (sob o pseudônimo de Heinz Heger) e intitulada *The Men With Pink Triangle*, publicada em 1972 e adaptada para o teatro e para o cinema sob o título homônimo de *Bent*.

¹⁷ No original: Au cours d'une parodie de visite médicale d'admission visant à ne pas créer de mouvement de panique, les soldats se déshabillent et progressent un à un vers l'autre extrémité du bâtiment. À la fin du parcours, qui commence par une inspection de la dentition, le dernier des médecin SS fait passer le détenu dans une pièce munie d'une toise contre l'un de ses murs. La partie mobile de la toise coulisse sur une mince ouverture, fermée par un petit volet de l'autre côté de la cloison, là où sont embusqués deux SS armés de pistolets. Une fois le détenu bien droit contre la partie graduée, sans autre signal qu'un coup donné contre la paroi par celui qui procède à la mesure, le volet arrière s'ouvre rapidement. Et l'un des tireurs cachés derrière abat froidement le prisonnier d'une balle dans la nuque. Le corps est ensuite enlevé et jeté sur les autres dans la pièce suivante. Le temps de rincer les traces de sang et un autre soldat soviétique est envoyé dans la pièce. L'image qui s'imprime alors durablement dans la mémoire de Rudolf est celle de tout ce sang qui s'écoule des cadavres”.

imagem ressaltada na obra, implicada diretamente em sua vivência, que é a dos homossexuais transformados em alvos de experimentações médicas cujo desenlace era sempre fatal.

O que queremos trazer, evocando essas memórias, é o potencial de aniquilação que elas trazem, a ponto de nos permitirem pensar na possibilidade de o *sujeito muçulmano* (melancólico) emergir após a vivência traumática. Segundo Freud,

[a] melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecreminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição. (Freud, 2011, p. 47).

É assim que concebemos a luta que o sujeito trava consigo próprio e, no caso de um homossexual que passou pelos campos de concentração, o alvo dessa perda poderia ser identificado como o amor-próprio (entendido como autoaceitação e autocuidado), formulado por meio da percepção do esfacelamento identitário enfrentado naqueles anos e nos anos subsequentes. É como se houvesse a tomada de posse de um não-lugar que lhe é atribuído ao mundo, o que provocaria essa incapacidade de amar e esse desinteresse por tudo aquilo que o rodeia. Baldini e Sousa observam que a melancolia pode ser representada metaforicamente como um deserto, no qual o apoio emerge somente em uma “lógica onde nada falha e, assim, onde nada pode dar lugar ao desejo. O sujeito se vê diante da totalidade do nada, escamoteado a falta de algo que poderia produzir movimentos deslocantes em direção da busca.” (Baldini; Sousa, 2014, p. 64-65).

O que se apresenta, tomando como base o excerto antecedente, é um quadro de ensiamesmamento, isto é, de assujeitamento em função de uma potente interpelação do trauma. Uma possível saída para isso é o *trabalho de luto*, que, a contrapelo, é traçado na busca por uma resignificação, mesmo que as imagens traumáticas ainda insistam em habitar a memória de quem as vivenciou. Para Freud (2011), esse trabalho é iniciado a partir da percepção de que “o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda libido seja retirada de suas ligações com esse objeto. Contra isso se levanta uma compreensível oposição.” (Freud, 2011, p. 49). Aqui, podemos pensar em uma outra perspectiva para a ideia de *objeto amado*, que poderia significar, por exemplo, os anos perdidos da juventude tolhidos por um aparato repressor dominante que visa encapsular o dominado em condições de vida constituídas por efeitos de homogeneidade e de forçosa naturalização.

Freud nota a existência de um impulso no sujeito que o leva a ficar perdido em um ciclo vicioso em torno do nada, o que faz com que esse trabalho, cuja consequência é a perlaboração do passado traumático, seja traçado com um esforço bastante acentuado. Trata-se, a vista disso, de um processo lento, a ser realizado

[...] com grande dispêndio de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto de investimento é psiquicamente prolongada. Uma a uma, as lembranças e expectativas pelas quais a libido se ligava ao objeto são focalizadas e superinvestidas e nelas se realiza o desligamento da libido. (Freud, 2011, p. 49).

Torna-se significativo pensar a resistência ao se examinar a trajetória de sujeitos que atravessaram rituais que lhes negavam a própria condição humana, já que há de um lado, a

resistência, digamos, instintiva, em não se permitir sair desse vazio e, de outro, a resistência para percorrer esse caminho traçado pelo *trabalho de luto*. A questão que se coloca: considerando o teor testemunhal dos sobreviventes de eventos trágicos, qual seria a melhor forma para ressignificar o não-sentido, isto é, a experiência-limite experienciada? Em outras palavras, como lutar contra a primeira resistência (marcada pela insistência na permanência da não vida) e acionar a segunda (voltada para a perlaboração desse passado traumático)? No entendimento de Seligmann-Silva (2022), uma possível chave de resposta passaria, necessariamente, pela narração do trauma, que traria um senso de (re) nascimento de alguém que foi esfacelado pela vivência trágica. Para o autor, “a outridade do sobrevivente é vista aí como insuperável. A narrativa teria, portanto, [...] esse desafio de estabelecer uma *ponte* com ‘os outros’, de conseguir *resgatar o sobrevivente do sítio da outridade*, de romper com os muros do campo.” (Seligmann-Silva, 2022, p. 142, grifos do autor).

Lancemos mão, novamente, de um pequeno parágrafo para lidar com um conceito caro à análise materialista de discurso, qual seja o de *condições de produção do discurso*. Tomando como base o que foi apresentado até o momento, é de fácil compreensão o porquê de a Primeira Guerra Mundial¹⁸ ser tida como o evento que confere início às escritas de teor testemunhal, em função das vivências traumáticas nas célebres batalhas nas trincheiras. O fato é que as vivências traumáticas foram refinadas a partir da Segunda Guerra Mundial, com seus inúmeros guetos e campos de concentração, culminando nos conflitos na contemporaneidade, justificando a ideia, defendida por Márcio Seligmann-Silva, da existência de uma *virada testemunhal e decolonial*. Com isso, o teor testemunhal, em sua concatenação da impossibilidade com a necessidade de formulação, não ficou encapsulado nas duas grandes guerras, uma vez que ele se espalha, haja vista que as condições de desigualdades delineadas por formações discursivas de vieses reacionários e conservadores seguem a todo vapor ao redor do mundo.

Retomando a citação precedente, é importante pensar nessa condição de perene outridade do sobrevivente, como se ele ocupasse uma espécie de não-lugar, daí o iminente risco de inscrição da condição de sujeito melancólico. Essa condição de insuperabilidade implica a materialidade do testemunho, que, “de certo modo só existe sob o signo de seu colapso e de sua impossibilidade.” (Seligmann-Silva, 2022, p. 143). Por isso que ele é fruto de um gesto a contrapelo, sendo, ainda, de impossível esgotamento. Há sempre um resto que é enunciável e um resto não formulado pelo sobrevivente. A narração de Rudolf Brazda, intermediada por Jean-Luc Schwab, é repleta de cenas não-ditas, preenchidas imaginariamente pelo leitor (como, por exemplo, as experiências na citada pedreira e, ainda, algo enunciado de forma superficial, suas experiências como um homossexual em Buchenwald, sendo-nos revelado, por exemplo, que ele conseguiu sobreviver a diversos obstáculos contando com o apoio de um *kapo* que a ele se afeiçoou).

Há, em vista do que foi exposto, vácuos dentro dessa narração testemunhal, o que leva Bethania Mariani a teorizar acerca da insuperável incompletude inerente à formulação linguageira, com a língua sendo identificada como “não-toda, o que abre para a impossibilidade de um fechamento ou de uma previsão sobre as significações.” (Mariani, 2021, p. 35). É por meio dessa lógica que se pensa em uma não acessibilidade ao “real da língua”, que, a despeito de

¹⁸ Entre os inúmeros exemplos de escritos voltados para rememorar as vivências da guerra, podemos citar o gesto inicial de Jean-Norton Cru e sua obra *Témoins*, publicada em 1929. Podemos citar, ainda, autores que trabalharam o tema pela chave da ficção, como Erich Maria Remarque e Kurt Vonnegut.

um efeito de impermeabilidade, falha. É, portanto, nas bordas dessa falha, que a atividade linguageira é realizada. Isso se dá em quaisquer circunstâncias da vida cotidiana, conforme aponta Jacqueline Authier-Revuz em seu belo ensaio intitulado “Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio”. Nesse texto, a autora apresenta o conceito de *modalização autonímica*, que consiste em um exercício de tateamento entre significantes (coadunando com a inversão de Lacan a uma clássica dicotomia saussuriana, na qual o psicanalista francês confere primazia ao significante em relação ao significando, formando, a partir disso, uma infinita cadeia) em busca de um significado que tende a escapar. A autora ilustra esse fenômeno com o emprego de glosas como *grosso modo, na falta de uma palavra melhor, supondo que isto exista* entre outras.

A nossa hipótese é que a modalização autonímica (muitas vezes implícita) é empregada de forma radical em escritos testemunhais, formulados a partir de uma “tomada da palavra [na busca por] relatar um evento vivenciado em função de uma violência praticada por outros sujeitos, pela família ou pelo Estado”. (Mariani, 2021, p. 72). Na constituição de uma gramática do testemunho (e a expressão é de Mariani) faz-se presente o *trabalho de luto*, em meio a um deslizamento radical de significantes, gerando uma materialidade nomeada por Mariani de *memoriável*. Esse *memoriável*, uma espécie de saldo entre o vivido e o rememorado, dentro de circunstâncias possibilitadoras traçadas pelo sujeito sobrevivente, é passível de ser pensando como aquilo que é posto; os não-ditos, por outro lado, poderiam ser minimamente apreendidos, por exemplo, mediante uma análise das condições de produção do discurso. No caso dos homossexuais vitimados pelo nazismo, isso pode se dar pela carência dessas condições, algo que será discutido nas próximas linhas.

4 A rememoração testemunhal interdita

Lidar com as condições de produção dos discursos implica compreender o modo como se orientam a formulação dos saberes, das crenças e dos imaginários, circunscritos, de forma relativamente estável, por formações discursivas. Trata-se de um processo intrinsecamente ligado à constituição dos sujeitos, que se encontram imersos em um horizonte de possibilidades condicionantes. Esses sujeitos, na concepção materialista de discurso, são atravessados pela ideologia, mas, notemos, corroborando com o gesto retificador de Pêcheux, enunciado em nossas considerações iniciais, esse atravessamento não é estanque, já que há o componente da falha inscrito no conceito de real que se espraia em três direções: da história, da língua e do inconsciente. É essa falha que produz a resistência contra uma dominação externa, formulada a partir de vieses de confirmação assentados pela homogeneização e naturalização de desigualdades produzidas pelo modo de produção capitalista.

À luz do que foi apresentado, é válido nos perguntarmos a respeito da posição ocupada pelo discurso de teor testemunhal narrado por Rudolf Brazda nesse estado de coisas. Um ponto de partida pertinente pode ser traçado se pensarmos no distanciamento temporal existente entre o evento vivenciado e o evento narrado, em outras palavras, faz-se relevante refletir acerca das condições nas quais as experiências traumáticas de um sujeito sobrevivente homossexual ganharam materialidade por intermédio da escrita. Retomemos ao texto de apresentação de *Itinéraire d'un Triangle Rose*, escrito por Jean-Luc Schwab:

Trata-se de um artigo no diário L'Alsace, de 29 de junho de 2008, que põe fim, na França, a um longo período de anonimato para Rudolf Brazda, alguns dias apenas após o seu 95º aniversário. Na primeira página, o jornal retransmite as informações de um correspondente berlinense da AFP. Ele evoca este “alemão [...] gay e mártir dos nazis”, habitando Kingersheim, perto de Mulhouse. Mais adiante, uma meia página é dedicada a este convidado excepcional da Parada Gay na capital alemã. Para muitos, a surpresa é grande, porque os últimos sobreviventes conhecidos desses deportados por motivo de homossexualidade não estavam mais nesse mundo. (Brazda; Schwab, 2013, p. 11, tradução própria).¹⁹

Realizando, novamente, uma confrontação entre o testemunho de Rudolf Brazda e o de Pierre Seel, é curioso perceber algumas particularidades. O primeiro decide se mudar para a França, em uma cidade localizada a menos de 10 km de distância de Mulhouse, local da infância e juventude do segundo. Continuando esse exercício comparativo, Seel, após sua libertação do campo de Schirmeck-Vorbrück, viveu uma vida de denegações e interdições, reprimindo seus desejos que seriam (em uma tentativa malfadada) tamponados em um casamento com uma mulher, que lhe rendeu dois filhos (o convívio familiar era pouco satisfatório, conforme podemos notar em seu testemunho). Brazda, por outro lado, a despeito de uma homofobia muitas vezes institucionalizada nos locais pelos quais ele passou, seguiu em busca de relacionamentos, conseguindo construir um acentuadamente (cinquenta anos) duradouro com um rapaz chamado Edi, possivelmente o segundo grande amor de sua vida depois de Werner.

Há ainda dois pontos passíveis de serem considerados para esse exercício de fricção. Um, que os diferencia acentuadamente e outro, que os aproxima. No primeiro caso, temos a presença de um mediador, já que as memórias são de Rudolf Brazda e a escrita é de Jean-Luc Schwab. Isso pode ser explicado pela ausência de proficiência de Brazda na língua francesa, mas também pela sua idade avançada (95 anos), que poderia dificultar o processo de escrita. Schwab deixa evidenciado, na citada apresentação, um senso de responsabilidade, ao se colocar como um porta-voz de um sujeito que teve a sua trajetória silenciada:

Confiar apenas no relato oral de uma pessoa é um exercício arriscado, especialmente quando acontecimentos históricos lhe servem de pano de fundo. Também, para reproduzir o percurso da vida de Rudolf da forma mais exata possível, lancei mão do conteúdo de várias centenas de horas de entrevistas com diferentes fontes. (Brazda; Schwab, 2013, p. 12, tradução própria).²⁰

Alguns efeitos de sentido podem emergir por intermédio dessas condições de produção, como, por exemplo, uma eventual atenuação do vivido, consequencial à presença da figura de um

¹⁹ No original: “C’est un article dans le quotidien L’Alsace du 29 juin 2008 qui met fin, en France, à une longue période d’anonymat pour Rudolf Brazda, quelques jours seulement après son 95 anniversaire. En première page, le journal relaie les informations de la veille d’un correspondant berlinois de l’AFP. Il évoque cet “allemand [...] gay et martyr des nazis”, habitant Kingersheim, près de Mulhouse. Plus loin, une demi-page est consacrée à cet invité exceptionnel de la Gay Pride dans la capitale allemande. Pour beaucoup, la surprise est de taille, car les derniers survivants connus de ces déportés pour motif d’homosexualité n’étaient plus de ce monde.”

²⁰ No original: “S’appuyer sur le seul récit oral d’une personne est un exercice hasardeux, particulièrement lorsque des événements historiques lui servent de toile de fond. Aussi, pour restituer les parcours de vie de Rudolf de la façon la plus exacte possible, j’ai recoupé le contenu de plusieurs centaines d’heures d’entretien avec différentes sources.”

porta-voz. Ademais, além da produção de vácuos, lapsos e esquecimentos, originários do atravessamento do trauma, o distanciamento (mais de 60 anos) do evento vivenciado pode influenciar no teor daquilo que está sendo lembrado. E é, justamente, nessa segunda observação, que iremos notar uma considerável similitude entre os testemunhos de Rudolf Brazda e Pierre Seel: o longo saldo temporal existente entre a vivência traumática e a narrativa (a materialização mediante a escrita dessa vivência). Eis uma possível entrada para a junção entre sujeitos – muçulmano (melancólico) com o sujeito homossexual –, na impossibilidade de atravessamento da ponte imaginária que separa a não-vida da vida. Isso, vale pontuar, mostra-se muito mais notável no testemunho de Pierre Seel, mas não podemos deixar de considerar a fundamental presença de uma instância de mediação (Jean-Luc Schwab) no testemunho de Brazda.

Esse longo hiato, entre 1945 (ano da libertação dos campos de concentração) e 2008 (quando Rudolf Brazda sai do anonimato), deve-se à recepção refratária a esse tipo de escrito. Em uma passagem marcante de *É isto um homem*, Primo Levi narra a experiência de um sonho, quando ele ainda era um prisioneiro em Auschwitz. Nesse sonho, Levi, já liberto, estava sedento por testemunhar a barbárie vivida para as pessoas ao seu redor, mas ninguém quis escutar seu relato (as pessoas viravam-se de costas e iam embora). Isso, de alguma forma, aconteceu inicialmente aos judeus deportados, com a justificativa de que seria preciso seguir em frente para reconstruir os países, o que nos leva ao entendimento de que a reconstrução das nações destruídas pela Segunda Guerra, inicialmente, deveria passar pelo dispositivo da amnésia programada. Contudo, como sabemos, esse quadro não durou tanto tempo, gerando um número marcante de testemunhos de judeus sobreviventes da barbárie nazista. Isso não aconteceu com os homossexuais, já que em países como a França e a Alemanha, a legislação, que proibia a relação sexual e amorosa entre homens, continuou se fazendo presente em seus códigos penais. Além disso, não havia indenizações (Rudolf Brazda teve sua demanda por indenização rejeitada) para essas vítimas, uma vez que o motivo de seus processos de deportação seguia sendo criminalizado.

Isso gera como consequência a abertura de um limbo, no qual o sobrevivente não consegue se reconhecer como vítima. Há, portanto, a inscrição de uma longa névoa, já que aquela vivência não encontra qualquer designação. Se ele não pode ser reconhecido como vítima, o que, então, ele seria? O mecanismo que emerge aqui é o da denegação do discurso sobre esse acontecimento, isto é, “das palavras que dariam nome ao acontecimento e, por conseguinte, o fariam existir ou reexistir.” (Paveau, 2015, p. 237). A não existência do acontecimento implica a não existência de uma vida, justificando a ideia de não-vida e abrindo possibilidades para a emergência da melancolia. Lembremo-nos que Freud identifica a melancolia observando sinais de desinteresse do paciente pelo mundo externo. No quadro que estamos expondo, esse desinteresse pode ser uma resposta àquilo que este mundo externo fornece ao sobrevivente, isto é, a não existência.

Destaquemos uma passagem que à primeira vista pode parecer destituída de grandes significações: “Ainda que os pesadelos ligados ao seu passado concentracionário o persigam - e ainda o acompanharão por muito tempo – ele quer voltar a viver como nos tempos felizes de antes de 1937, ano da sua expulsão da Alemanha.” (Brazda; Schwab, 2013, p. 196, tradução própria).²¹ Uma observação inicial a ser feita gira em torno da percepção da escas-

²¹ No original: “Même si les cauchemars liés à son passé concentrationnaire le hantent – et le hateront encore longtemps – il veut recommencer à vivre comme aux temps heureux d’avant 1937, l’année de son expulsion d’Allemagne.”

sez de materialidade desses pesadelos em seus registros memoriais. Há, portanto, muitos “não-ditos” que podem ser explicados pelas condições de (im) possibilidade de seu discurso. Ademais, esses pesadelos, considerando formações discursivas de viés conservador/burguês/reacionário, que, durante décadas, desautorizavam (há ainda fortes inscrições de interdição na contemporaneidade) a voz desses sujeitos tidos como “desviantes”, eram destituídos de materialidade, pois remetiam a um acontecimento denegado discursivamente, em outras palavras, referenciavam um acontecimento destituído de existência. O fragmento seguinte, extraído de um belo ensaio do psicanalista marroquino Thamy Ayouch, evidencia, de forma contundente, o que objetivamos demonstrar:

No seio de uma população perseguida e ameaçada por causa das suas práticas afetivas e sexuais, a deportação por motivo de homossexualidade é traumática: trata-se de um acontecimento destituído de qualquer simbolização pela narratividade. O perigo de testemunhar um motivo de perseguição sempre considerado como criminoso, a manutenção de uma legislação discriminatória, a vergonha da infâmia em que se mergulham os gays e as lésbicas, a preocupação em preservar a “reputação” dos seus familiares, ou a recusa de serem reconhecidos como vítimas por um estatuto concedido a outras categorias de deportados são elementos suspensos no limbo do não-simbolizável, o acontecimento da deportação por motivo de homossexualidade. (Ayouch, 2014, p. 108-109, tradução própria).²²

Nesse longo trecho, podemos evidenciar, de forma notável, a enunciação de obstáculos, impulsionados pelo processo de dominação exercido por formações discursivas hegemônicas e que geram efeitos de evidência. Thamy Ayouch destaca os riscos na formulação e circulação dos testemunhos de homossexuais, chamando a atenção para a atuação de uma legislação que segue discriminando esses sujeitos; para a vergonha (elemento muito presente, por exemplo, no testemunho de Pierre Seel), que emerge por intermédio de um olhar julgador do outro e pela preocupação em preservar uma “boa” imagem, muito mais voltada para os familiares do que para si; e, claro, pela recusa de reconhecimento, que culmina nessa ausência de simbolização, ou seja, na manutenção da anulação de si, que pode ser analisada, conforme Freud (2011), como a *perda do ego*.

A concepção de estancamento desse processo de dominação implicaria na mobilidade e ausência de uma margem de manobra para esse sujeito. Isso, conforme Pêcheux em seu gesto retificador, não possui razão de ser, pois mesmo em meio a esses perigos, o testemunho configurado como um acontecimento, emerge por meio da resistência de sujeitos que operam “furos” nesse real da história, moldado em um viés anulador e silenciador. Eni Orlandi defende que

²² No original: “Au sein d’une population persécutée et menacée dans sa vie en raison de ses pratiques affectives et sexuelles, la déportation pour motif d’homosexualité fait trauma : c’est un événement ayant eu lieu mais n’accédant à aucune symbolisation par la narrativité. Le péril à témoigner d’un motif de persécution toujours considéré comme délictueux, le maintien d’une législation discriminante, la honte de l’infamie dans laquelle on plonge les gays et lesbiennes, le souci de préserver la « réputation » de leurs proches, ou le refus de se voir reconnaître un statut de victimes octroyé à d’autres catégories de déportés sont autant d’éléments suspendant, dans les limbes du non-symbolisable, l’événement de la déportation pour motif d’homosexualité.”

O lugar da falha [...] é o lugar do possível: do impensado lugar em que 'o *irrealizado venha formando sentido do interior do não-sentido*', momento imprevisível em que 'uma *série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um acontecimento histórico rompendo o ciclo de repetição*'. (Orlandi, 2017, p. 77)

A ruptura desse ciclo repetitivo é, justamente, a transformação e a interrupção, ainda que tardia, da reprodução e da identificação total do sujeito submisso com a formação discursiva dominante. Essa quebra emerge pela falha, gerando, no caso da vivência traumática dos homossexuais vitimados pelo nazismo e destituídos de recepção de suas memórias, um acontecimento *post la lettre*, isto é, (re)atualizado décadas após a *constituição, formulação e circulação*²³ (Orlandi, 2004) de dizeres que conformam uma memória discursiva ao redor da consagração dos testemunhos de guerra como acontecimentos históricos. É preciso compreender, e acreditamos que algumas luzes foram lançadas em nosso texto, quais seriam esses testemunhos alçados a essa condição e como certos testemunhos tiveram que travar uma batalha pela memória para alcançar alguma visibilidade.

Há, com isso, uma dupla impossibilidade, presente nesse tipo de escrita de teor testemunhal. A primeira emerge pelo atravessamento do trauma e a segunda, por sua vez, adentra-se por intermédio da ausência de acolhida para suas memórias. Isso produz, por conseguinte, uma dupla resistência, em meio à necessidade da formulação narrativa para que o sujeito sobrevivente possa existir e para que seus escritos/dizeres possam ganhar materialidade. A falha, conforme apontamos anteriormente, funciona como uma ruptura, possibilitando (mesmo que em situações amplamente adversas) "condições para que os sujeitos e os sentidos possam ser outros, 'fazendo sentido do interior do não-sentido'. É a isto que chamo *resistência*" (Orlandi, 2017, p. 231).

5 Considerações finais

Uma das conclusões alcançadas, que nos guiará nesse gesto de finalização, que, vale salientar, não esgota as possibilidades de análise de um potente *corpus* como *Itinéraire d'un Triangle Rose*, gira em torno da percepção de que a resistência se inscreve em duas frentes distintas, mas interligadas. De um lado, contra uma iminente emergência da melancolia, impulsionada pela vivência de traumas inimagináveis, potencializando a perene presença desse passado traumático; e, de outro, contra uma recepção amplamente refratária à colocação em narrativa dessas memórias. Com isso, é importante observar que a disposição dos tópicos ao longo do texto, impulsionada por uma lógica diacrônica, foi pensada apenas para fins didáticos. Esses obstáculos emergem, muitas vezes, de forma concomitante e a resistência a eles acaba sendo

²³ Orlandi (2004) apresenta esses estágios como sendo componentes dos momentos de produção discursiva. A *constituição* está ligada ao processo de construção da subjetividade, condicionado, a despeito das possibilidades de transformação operadas pela *falha*, por formações discursivas que o atravessam. A *formulação* refere-se à colocação em palavras, eixo de formação dos enunciados em meio à específicas condições de produção. Nesse estágio pode haver a ampla identificação com as formações discursivas hegemônicas ou as tentativas de inscrição de furos em um real constituído sob efeitos de evidência. A *circulação*, por fim, é a esfera relacionada à recepção dos dizeres, considerando diferentes suportes e diferentes sentidos mobilizados que emergem dos percursos traçados pelos discursos, retomando já-ditos e projetando efeitos sobre o que ainda será enunciado no futuro.

igualmente duplicada/desdobrada. Há uma passagem marcante, na obra analisada, que nos permite apreender efeitos de sentido da resistência travada por Rudolf Brazda:

Como Rudolf conseguiu continuar a viver depois do inferno de Buchenwald? Muitos se perguntam. Para Rudolf, no entanto, era uma evidência: uma sorte relativa, um grande otimismo de caráter e uma capacidade de ver apenas o lado bom das coisas. Levar uma vida livre, apesar do sofrimento. E o trabalho também... (Brazda; Schwab, 2013, p. 210, tradução própria).²⁴

Primeiro ponto a ser salientado, encaminhando para o final do texto, gira em torno da percepção de que, mesmo se essas afirmações fossem extraídas diretamente de Rudolf, ainda haveria não ditos, impossibilitados de serem enunciados pelos atravessamentos da ideologia e pela divisão submetida ao sujeito em função do inconsciente, afetado, ainda, pela inscrição dos traumas vivenciados. Esses não ditos, a nosso ver, são passíveis de serem ainda mais recalcados, em função da instância de mediação entre o sujeito que vivencia e o sujeito que registra as memórias. Nesse ponto, o conceito de *formações imaginárias*, formulado na primeira fase das reflexões teóricas desenvolvidas por Pêcheux (2014b) faz-se importante, pois ele dá conta dos efeitos de sentido impulsionados por sujeitos que ocupam “lugares determinados na estrutura de uma formação social.” (Pêcheux, 2014b, p. 81). Duas questões acabam sendo pertinentes: *quem sou eu para lhe falar assim?* e *quem é ele para que eu lhe fale assim?* Os efeitos de sentido daquilo que é enunciado dependem de um ajuste de distância travado entre o sujeito que rememora e a instância de mediação. Certamente, se os registros memorialísticos fossem formulados por Rudolf, tais questões ainda se fariam presentes, mas em uma interação não direta, voltada para a projeção de um potencial público-leitor.

Optamos por não aprofundar muito nesse caminho, algo que pode ser realizado em textos futuros, mas julgamos pertinente evocá-lo nesse gesto de conclusão. Contudo, considerando a materialidade intradiscursiva, isto é, o memorável (Mariani, 2021), partimos do princípio, pelo fragmento destacado, de que a resistência parece ter sido travada em função da necessidade de não se perder no vazio, buscando sentido nessa nova vida que se apresenta. O termo trabalho, que encerra esse fragmento, possui uma significação bastante específica, mas correndo o risco de alargamos semanticamente o que foi expresso, esse termo pode remeter ao *trabalho de luto* (Freud, 2011) travado por um sujeito homossexual na luta para não se afogar (Levi, 2004).

Nossa hipótese é a de que os escritos que compõem *Itinéraire d'un Triangle Rose* formam uma importante etapa desse *trabalho de luto* que se inicia no longínquo ano de 1945, evidenciando a caracterização dada por Freud (2011) para esse processo (lento, dispendioso e que demanda um forte investimento), que precisa ser travado para a preservação de si (a não *perda do ego*) e para alertar gerações futuras a respeito de um perigo que sempre se coloca à espreita.

²⁴ No original: “Comment Rudolf avait-il fait pour continuer de vivre après l'enfer de Buchenwald ? Beaucoup se posent la question. Pour Rudolf, c'était pourtant une évidence : une chance relative, un grand optimisme de caractère et une capacité à ne voir que le bon côté des choses. Mener une vie libre, malgré les souffrances. Et le travail aussi...”

Longe de ser saudosista, seu testemunho é um registro memorial. Sua mensagem às gerações que tiveram a sorte de não conhecer a guerra: não esquecer aqueles que os precederam e que sofreram a repressão. Aos homossexuais em geral, ele lembra que, embora para muitos no mundo ocidental as leis já não imponham um modelo de vida em contraposição com a sua natureza profunda, as conquistas recentes e uma maior tolerância estão longe de serem definitivas e universalmente partilhadas. Por isso é preciso continuar vigilante, lutar, avançar²⁵ [e resistir sempre] (Brazda; Schwab, 2013, p. 221, tradução própria).

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio concedido ao desenvolvimento desta pesquisa (processo nº 2022/06435-8).

Referências

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

AUTHIER-REVUZ, J. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. Trad. Maria Onice Payer. In: ORLANDI, E (org). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

AYOUC, T. La déportation pour motif d'homosexualité: du déni de la mémoire à la perlaboration de l'histoire. *Revue Française de Phénoménologie et de Psychologie Analytique*, L'Harmattan, La déportation en héritage, 2015. p. 89-116. Disponível em: <https://hal.science/hal-01511345/document>. Acesso em: 12 abr. 2025.

BALDINI, L.; SOUSA, L.J.S. Melancolia (ou traços): dizeres nublados. In: BALDINI, L.; SOUSA, L.J.S (orgs.). *Discurso e sujeito: trama de significantes*. São Carlos: EDUFSCAR, 2011. p. 63-80.

BRAZDA, R.; SCHWAB, J-L. *Itinéraire d'un Triangle Rose*. Paris: Éditions J'ai Lu, 2013.

FRANKL, V. *Em busca de sentido*. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREUD, S. *Cinco lições de psicanálise*. Trad. Durval Marcondes et al. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, S. *Luto e melancolia*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naif, 2011

LEVI, P. É isto um homem? Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004

²⁵ No original: "Loin d'être passéiste, son témoignage est un rappel. Son message aux générations qui ont eu la chance de ne pas connaître la guerre : ne pas oublier ceux qui les ont précédés et qui ont souffert de la répression. Aux homosexuels en général, il rappelle que, si pour beaucoup dans le monde occidental, les lois n'imposent plus un modèle de vie en contradiction avec leur nature profonde, les acquis récents et une plus grande tolérance sont loin d'être définitifs et universellement partagés. Là aussi, il faut continuer d'être vigilante, de se battre et d'avancer."

- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- MARIANI, B. *Testemunhos de resistência e revolta: um estudo em análise do discurso*. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- ORLANDI, E. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes Editores, 2004.
- ORLANDI, E. *Eu, Tu, Ele: Discurso e real da história*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- PAVEAU, M.-A. *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Trad. Ivone Benedetti. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania Mariani et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b. p. 59-158.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Trad. Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- SEEL, P. *Eu, Pierre Seel, deportado homossexual*. Trad. Tiago Elídio. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2012.
- SELIGMANN-SILVA, M. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.